

Morte de Samora Machel

“Apartheid” quis convencer Renamo a reivindicar responsabilidade

N 12/3/03

JORGE DICK, em Joanesburgo

UM antigo general das Forças de Defesa da África do Sul do “apartheid” (SADF), que preferiu o anonimato, afirma que advertiu a um oficial do então movimento rebelde Renamo de um iminente desastre aéreo, momentos antes da ocorrência do despenhamento do avião que vitimou o Presidente Samora Machel, a 19 de Outubro de 1986, na localidade fronteiriça sul-africana de Mbusini. Fontes do semanário sul-africano “Sunday World” disseram que o general em causa teria indicado ao tal oficial, que estava ligado à área da informação da Renamo, para que reclamasse responsabilidade, em nome do movimento, por um iminente desastre que iria acontecer na região.

Sectores da Renamo contactados por aquele jornal revelaram a semana passada que mais tarde o referido general mudou de ideia, aconselhando o oficial, cujo nome também não foi mencionado e que desenvolve hoje negócios com o referido ge-

neral, a não falar do acidente. Segundo o “Sunday World”, as fontes disseram ainda que o general e o oficial de Imprensa da Renamo viviam numa mesma área, não especificada.

Investigações do “Sunday World” apontaram o envolvimento das SADF, elementos do Exército moçambicano e o sector da indústria militar sul-africana, pois era seu interesse ver a continuação da guerra em Moçambique e a morte de Machel.

Na entrevista ao jornal, o antigo membro da Renamo implicou o “apartheid” na morte de Samora Machel. Neste momento a residir em Lisboa, ele mantinha contactos regulares com antigos generais do Exército do “apartheid” e coordenava o fornecimento de equipamento à Renamo nas regiões centro e norte de Moçambique.

Um outro ex-agente ao serviço do regime, Hans Louw, confessou o seu envolvimento pessoal no acidente que viria a matar Machel. Louw, de 40

anos, um namibiano, disse que integrou a equipa de “limpeza” destinada a assegurar que Machel não sobrevivesse no acidente.

Integrando na altura o famigerado Bureau de Cooperação Civil (CCB), Louw também admitiu ter participado no ataque contra a cidade da Matola, na província do Maputo, em 1983. No âmbito de uma operação designada “Operation Skerwe”, isto após agentes secretos do “apartheid” terem recolhido informações relativas à presença em Moçambique de guerrilheiros do ANC, a Força Aérea Sul-Africana (SAAF) lançou o ataque contra Matola a 23 de Maio de 1983.

Paralelamente a estas evidências, o “Sunday World” escreve que grupos de mercenários de Moçambique, Zimbabwe, Angola e do então Zaire (hoje RDCongo), foram executados sumariamente por agentes secretos do “apartheid”, ao abrigo do artigo 3 das SADF, que frçava

os operativos a observarem as instruções recebidas, sob risco de enfrentarem a morte. Este caso, que ainda era segredo no país, está a ser matéria de investigação das autoridades sul-africanas.

Os alegados mercenários, de acordo com a fonte, incluíam elementos da Renamo, desertores do Exército Popular para a Libertação do Zimbabwe (ZIPRA), Organização do Povo do Sudoeste Africano-Namíbia (SWAPO), UNITA e FNLA, estes últimos de Angola.